

OLISIPO



*BOLETIM DO GRUPO
"AMIGOS DE LISBOA"*

II SÉRIE - Nº 5 - DEZEMBRO 1997

URNA CINERÁRIA ROMANA DA PRAÇA DA FIGUEIRA

José d'Encarnação *

Lídia Fernandes **

A urna de chumbo romana de que nos vamos ocupar, apesar de referenciada já algumas vezes, não foi, até ao momento, objecto de qualquer estudo mais pormenorizado.

A razão pela qual dela agora nos ocupamos deve-se ainda ao facto de se ter descoberto uma inscrição no bojo, após a limpeza realizada aquando da sua ida para Conímbriga, em 1993, para se proceder a trabalhos laboratoriais de conservação da mesma.

Actualmente, a peça encontra-se em exposição no Museu da Cidade, em Lisboa.

CONTEXTO DO ACHADO

A urna apareceu durante as obras de construção do Metropolitano de Lisboa realizadas na década de 60. Os trabalhos foram acompanhados pela Dr^a Irisalva Moita, então conservadora dos Museus Municipais¹, a quem se deve a salvaguarda do importante espólio arqueológico então recolhido.

Tendo as obras sido iniciadas no Rossio, concretamente em Fevereiro de 1961, prolongaram-se, posteriormente, pela Praça da Figueira. No primeiro local, é de destacar o aparecimento de uma estrutura em *opus signinum* então identificada como "alguma obra de

drenagem de águas"². Actualmente, e mercê das escavações recentemente realizadas no mesmo local, correspondendo estas, curiosamente, também ao acompanhamento das obras de ampliação da rede do metropolitano³, levadas a cabo por um dos signatários (L. F.) em conjunto com o Departamento de Arqueologia do I.P.P.A.R., pode concluir-se que tais estruturas correponderão, afinal, à *spina* do circo romano da cidade⁴.

Quanto à Praça da Figueira, as obras, começadas em Abril do mesmo ano, atingiram uma profundidade de cerca de 6 m e colocaram à vista aquilo que veio a confirmar-se como sendo uma das necrópoles de época romana mais importantes de *Olisipo*. Esta importância deve-se não só à grande extensão por ela atingida - abrange a parte noroeste e ocidental da praça e o início da Rua de St^o Antão - como também à grande amplitude cronológica dos vestígios. Estaremos perante uma das necrópoles olisiponenses em uso durante mais tempo, sendo enorme a quantidade de urnas funerárias e de espólio, vítreo e cerâmico, que apareceram associados às sepulturas, quer de inumação quer de incineração, numa extensão considerável.

Esta urna apareceu a 16 de Dezembro (1968), conjuntamente com um *dolium* e uma ânfora, a qual se encontrava tapada com o fragmento de uma lápide com inscrição⁵ (Estampa I).

Também uma outra urna de chumbo, desta vez de forma rectangular, foi exumada em local próximo, ainda que mais para SW, integrando uma área de vesti-

* Professor Catedrático da Universidade de Coimbra

** Arqueóloga da Divisão de Museus da Câmara Municipal de Lisboa - Museu da Cidade

gios designada por Irisalva Moita como "Grupo IV". Em associação estavam também um pequeno unguentário de vidro e um vaso de paredes finas de coloração esbranquiçada.

Outras necrópoles haveria em Lisboa. Vieira da Silva refere, por exemplo, inscrições encontradas no local onde é hoje o Palácio dos Condes de Portalegre, perto das escadinhas do Marquês do Lavradio⁶.

Os achados da Calçada do Garcia, onde também terão aparecido, em 1851, algumas urnas de chumbo, de que nos dá notícia José Valentim de Freitas⁷, deverão corresponder ainda ao prolongamento da necrópole da Praça da Figueira⁸, a qual, certamente, se estenderia ainda pela encosta nordeste, bem como, segundo nossa opinião, por grande parte da actual rua de St^o Antão. De facto, trabalhos levado a cabo nessa zona, bem como em parte da Av. da Liberdade, há já algumas décadas, terão colocado à vista várias sepulturas de inumação e de incineração, facto que nos foi relatado por dois engenheiros municipais, ainda que nada tenha, na ocasião, vindo a público.

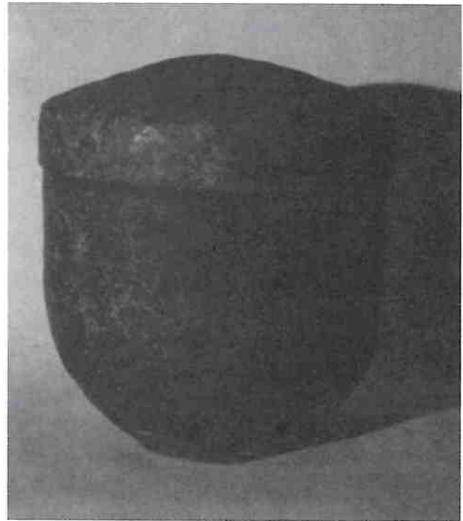
Junto ao Campo de St^a Clara foi identificada, no sec. XVII, mais uma necrópole. A notícia é-nos dada por Marinho de Azevedo⁹. Terão aparecido várias urnas de vidro bem como outras de chumbo. Corresponderiam, pois, a um cemitério de incineração e, muito possivelmente, a um columbário, se atentarmos na descrição que o autor faz das estruturas então encontradas.

Também ao pé da St^a Apolónia, concretamente no cruzamento da Travessa de Lázaro Leitão com a Calçada da Cruz da Pedra, apareceram, no ano de 1884, algumas sepulturas de inumação¹⁰.

Na parte mais ocidental da cidade, zona oeste da colina do Castelo, talvez tenha existido, igualmente, um cemitério, hipótese colocada por Irisalva Moita¹¹ e já referida por vários autores. Ainda que, até ao momento, dele se não tenham detectado vestígios concretos, a quanti-

dade de inscrições provenientes desse local - a maior parte das quais reaproveitadas em construções ou aparecidas no subsolo a servirem de entulho - vem, de facto, corroborar essa ideia.

É, portanto, usual, ao tempo dos Romanos, a utilização de urnas de chumbo para a deposição das cinzas, se bem que a forma circular pareça ter sido aqui a mais utilizada. O achado da pequena caixa rectangular, também na Praça da Figueira, em local não muito longe à da urna de que ora tratamos, confirma a ideia da existência, no mesmo local e, possivelmente, numa mesma época, de urnas de chumbo de formas distintas.



A urna cinerária romana da Praça da Figueira

DIMENSÕES (em cm)

- Altura (sem tampa) - 27;
- Profundidade interna (centro) - 27;
- Largura da boca (max.) - 27;
- Diâmetro da base - 12;
- Profundidade do ônfalo - 1,7;
- Altura total da tampa - 8;
- Altura da parede lateral da tampa - 5/5,5.

DESCRIÇÃO:

Urna cinerária de chumbo composta por dois elementos: o receptáculo e a tampa.

O receptáculo é cilíndrico, de paredes altas e levemente curvas na sua parte inferior a fim de estabelecer a ligação a uma base, relativamente larga, que ostenta, ao centro, um pequeno ônfalo.

A tampa apresenta paredes altas, perfeitamente verticais e sem qualquer espessamento no bordo. Parte superior curva e mais elevada que a parede.

A superfície denuncia um trabalho de martelado relativamente cuidado, realizado por maceta pequena, já que as leves depressões circulares, ainda visíveis, são de diâmetro reduzido.

Em alguns locais, o metal tem incisões profundas, certamente causadas por picareta quando a peça foi encontrada.

A EPÍGRAFE:

Na parte superior do bojo, como se disse, a limpeza permitiu distinguir a seguinte inscrição feita com estilete, em caracteres cursivos, como que contornando o colo:

CINERES Q C F

As três siglas finais repetem-se mais abaixo e por três vezes, na zona inferior da urna (*vide* estampa II)¹².

O texto, em Latim, quer significar que ali repousam as cinzas (*cineres*) de um homem, cuja identificação - facilmente reconhecível para os do seu tempo - hoje se nos apresenta de difícil solução.

Na verdade, as três siglas representam, sem dúvida, os *tria nomina* com que, habitualmente, se identificavam, ao tempo dos Romanos, os indivíduos de sexo masculino. Assim, Q será a sigla do *praenomen Quintus*; C oculta o gentilício e F o *cognomen*. É sempre aleatório ousar propor desdobramentos, ainda que baseados na análise onomástica mais corrente na *Olisipo* romana. De facto, ninguém nos

pode garantir que as siglas foram aqui usadas só porque se tratava de nomes muito conhecidos. Esse «mecanismo» mental é válido para algumas ocasiões; aqui, não - porque se trata de «mensagem» destinada a um grupo concreto de pessoas, os familiares, que conheciam bem o significado das siglas.

Podemos, no entanto, por mero exercício académico, tentar uma solução. *Caecilius*, por exemplo, poderá ser um dos *nomina* aí ocultos, pois que esta família se encontra assaz documentada na epigrafia romana olisiponense (há onze testemunhos no citado livro de Vieira da Silva - vide p. 277). Já quanto ao *cognomen*, todas as hipóteses (*Fuscus, Felix, Fundanus, Flaccus...*) são igualmente válidas, porque indemonstráveis.

Quanto ao estatuto social - quer sobre o económico, apesar de a urna ser de chumbo e não de barro, pouco poderemos adiantar... - quiçá não andemos longe da verdade se considerarmos o indivíduo aqui referenciado como pertencendo ao estrato bem romanizado da cidade. E a justificação achar-se-á na circunstância de não serem frequentes inscrições deste teor no conjunto das epígrafes romanas peninsulares.

Com efeito, consultando os *corpora* ao nosso dispor, nomeadamente os índices do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (= CIL II), de Emílio Hübner (Berlim, 1892), p. 1202, verificamos que são apenas oito as citações aí exaradas. Três pertencem à poesia funerária (os números 1094, 1103 e 5478) onde, de modo geral, a palavra acentua a precaridade da vida terrena: «(...) quae fuerat filia nunc cinis est», «a que fora filha é cinza agora» (CIL II 5478 = ILER 5806, de Cádiz). Em CIL II 2146 (e em 4051 também), a palavra enquadra-se no âmbito jurídico, pois se determina o destino das cinzas de alguém. Em Medellín (Badajoz), proclama-se: «Lapis cineres iste / recondit sit ergo / tibi terra levis» - «Esta lousa esconde as cinzas; portanto, que a terra te seja leve» (CIL II 617 = ILER 5819), CIL II 3960 (= CIL II 2 / 14, 599) docu-

menta a compra de um túmulo para que aí as cinzas dos familiares e dos antepassados possam juntas repousar: «avitis cineribus immisceantur».

Contudo, o documento epigráfico peninsular que mais se aproxima do nosso é, que sabemos, de Cádiz também (CIL II 1842 = ILER 3446) e diz: *M. Licini / Hetaeri / cineres / hic*, «Aqui as cinzas de Marcos Licínio Hetero».

São, pois, exemplos que demonstram não ser frequente o uso epigráfico da palavra e que é, por outro lado, uma terminologia a denotar estatuto cultural acima da média.

Outra conclusão - ainda que lateral - se poderá aduzir: a importância de serem devidamente limpos e conservados os materiais arqueológicos: os grafitos, como este, só mediante o tratamento laboratorial serão postos a descoberto. Quantos não haverá por aí, ocultos em superfícies oxidadas!

NOTAS

1 Era então Conservadora-Chefe dos Museus Municipais a Sr^a D. Julieta Ferrão.

2 MOITA, Irisalva, "Achados da época romana no subsolo de Lisboa", *Revista Municipal*, n.º. 116 e 117, Lisboa, 1968, p. 34.

3 Intervenção arqueológica iniciada em 1994 e ainda em curso.

4 VALE, Ana Luísa P.; FERNANDES, Lúcia, "Intervenção arqueológica no Largo D. Pedro IV (Rossio - Lisboa)", III *Encontro de Arqueologia Urbana*, Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997.

5 Transcrevemos o texto da Dr^a Irisalva Moita (ob.cit., p. 39) referente ao achado da peça: "Nos dias seguintes, não prosseguindo os trabalhos em extensão, mas em profundidade, nada de novo apareceu, até que, no dia 16, novo núcleo veio enriquecer o já numeroso espólio deste cemitério(...). Entre as peças que já só pudemos ver fora do local da jazida, figuravam: uma urna de chumbo com

tampa (...), um *dolium* em forma de talha com duas pegas (...), uma ânfora que, ao ser retirada, quebrou-se, ficando reduzida apenas ao gargalo e parte do bojo (...) e que se encontrava tapada com um fragmento de lápide com inscrição. (...) Todas as vasilhas indicadas, servindo de urnas cinerárias, continham abundante recheio de cinzas; junto destas, foram ainda encontrados, misturados com a terra, um fragmento de bordo de urna de vidro grosso, azulado (...) e vários fragmentos de ânforas".

6 SILVA, Vieira, *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa, 1944, n.º 99 e n.º 100.

7 O manuscrito de José Valentim de Freitas terá desaparecido da Associação dos Arqueólogos Portugueses onde se encontrava; no entanto, Júlio de Castilho refere-se-lhe na sua *Lisboa Antiga*, vol. 1, 2ª ed., Lisboa, 1935, pp. 173 e 174.

8 Ideia defendida por Rodrigo Banha da Silva, que, em comunicação apresentada ao já referido III Encontro de Arqueologia Urbana, sublinha, precisamente, a continuidade entre a Praça da Figueira e o início da subida para o Campo de Santana, atribuindo a esta necrópole uma cronologia a partir de meados do sec. I: Cf. SILVA, Rodrigo B. da, "As sepulturas da Calçada do Garcia (Lisboa) e o seu enquadramento no urbanismo de Lisboa", in actas do encontro.

9 AZEVEDO, Luís Marinho de, *Fundação Antiquidades e Grandezas da Muy Insigne Cidade de Lisboa ...*, I Parte, 2ª impressão, Lisboa, 1753 (referenciado por MOITA, "O Domínio Romano", *O Livro de Lisboa*, Livros Horizonte, Lisboa, 1994, p. 55).

10 CASTILHO, Júlio de, *Lisboa Antiga - Bairros Orientais*, 2ª ed., vol. 7, Lisboa 1937, p. 117.

11 MOITA, ob. cit., 1994, p. 57.

12 O desenho foi feito pelo processo da estampagem no próprio laboratório do Museu de Conímbriga. Estamos gratos à sua Directora, Dr^a. Maria Adília Alarcão, pela gentileza de no-lo ter facultado. A partir dele, o Dr. José Luís Madeira, do Instituto de Arqueologia de Coimbra, fez a redução que apresentamos e que lhe agradecemos. A reprodução é tão clara que dispensa comentário paleográfico - que, aliás, no caso vertente, não seria significativo, dada a característica cursividade das letras não susceptível de apontar uma cronologia, embora o Q e o R de hastes bem prolongadas e o E esguio possam sugerir a segunda metade do século I da nossa era.